

A ausência do trabalhador na imprensa sindical de Campinas e de Juiz de Fora¹

Prof. Dr. Bruno Fuser – Professor do CLC - PUC-Campinas²

Prof. Ms. Cláudia Regina Lahni – Professora da Facom – UFJF³

Marcela Fernanda da Paz de Souza – Estudante de Jornalismo, bolsista - BIC-UFJF

Silvio Anunciação - Estudante de Jornalismo, bolsista - PIBIC/CNPq – PUC-Campinas

Tatiana Campos - Estudante de Jornalismo, bolsista PET-Facom - UFJF

Resumo

A Comunicação Sindical representa um meio de coesão, diálogo e integração entre trabalhadores e entre bases e lideranças de entidades. Tem potencial para ser a voz e a vez do trabalhador, em que o operário, através da ação e reflexão, se torne sujeito ativo desta imprensa. O presente trabalho, efetuado entre 2003 e 2004, mostra um estudo comparativo da participação do trabalhador na comunicação dos sindicatos dos Metalúrgicos de Campinas e de Juiz de Fora e Região. Do ponto de vista metodológico, foram utilizadas entrevistas com perguntas abertas, formuladas a trabalhadores da base, para verificarmos até que ponto os metalúrgicos constituem-se atores sociais, produtores de seus veículos de comunicação. Procuramos perceber, também, se o gerenciamento do conteúdo dos jornais era compatível com a opinião e os anseios dos trabalhadores.

Palavras-chave

Comunicação e cidadania ; Comunicação sindical ; Comunicação e movimentos sociais

1. Apresentação

O presente trabalho faz parte de pesquisa mais ampla, denominada “A imprensa sindical em Campinas e em Juiz de Fora - Um estudo da comunicação dos Sindicatos dos Metalúrgicos de Campinas e de Juiz de Fora e Região”. Realizado em duas etapas, o estudo voltou-se entre 2002 e 2003 para a análise da política de comunicação das entidades, através de pesquisa documental, levantamento histórico e entrevistas semi-estruturadas com seus dirigentes e jornalistas. Analisamos o conteúdo das matérias e a presença, no texto, da participação do trabalhador, buscando perceber até que ponto a comunicação dos sindicatos cumpria seu papel dialógico e integrador. Na entidade de Campinas, o estudo foi feito a partir do jornal *Folha de Metal*, que possui duas versões: o *Jornal Geral* ou *Boletim Geral*, e *Jornal Específico* ou *Boletim Específico*. Em Juiz de Fora, o estudo foi baseado no *Jornal dos Metalúrgicos*. Os principais dados e a sua interpretação foram apresentados no XXVI Congresso da Intercom, no ano de 2003, em Belo Horizonte.

Entre 2003 e 2004 concentramos os nossos esforços em pesquisar a recepção da comunicação sindical pelos trabalhadores. Utilizamos duas estratégias, uma quantitativa, através de aplicação de 180 questionários com respostas fechadas. Os resultados dessa fase serão neste *paper* apenas referenciados, pois

¹ - Trabalho apresentado ao NP 12 - Comunicação para a Cidadania (nº 12), do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa - Intercom.

² Bruno Fuser é professor no mestrado em Ciência da Informação e na graduação em Jornalismo da PUC-Campinas, onde ingressou em 1988. Graduiu-se em 1981 pela ECA/USP, em Jornalismo, onde também fez mestrado e doutorado, em Ciências da Comunicação. Atualmente lidera o Grupo de Pesquisa Comunicação e Política, da PUC-Campinas, e também participa do grupo Produção e Disseminação da Informação, da mesma universidade. bfuser@puc-campinas.edu.br.

³ Cláudia Regina Lahni é professora na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora e doutoranda na ECA-USP, onde participa do Núcleo de Pesquisa Jornalismo e Cidadania; também é membro do Grupo de Pesquisa

fazem parte de outra comunicação acadêmica, selecionada para apresentação em julho de 2004 na Reunião Anual da SBPC, em Cuiabá, MT. A segunda estratégia, foco principal deste trabalho, é a qualitativa, realizada através de roteiro semi-estruturado, integralmente com questões de respostas abertas, dirigidas a trabalhadores da base em Campinas e em Juiz de Fora, com o objetivo de verificar a sua participação no principal veículo de comunicação de cada sindicato e a relação por eles estabelecida com a entidade e seu veículo de comunicação. Buscamos verificar, ainda, se o conteúdo difundido pelos jornais sindicais corresponde à opinião da operária e do operário metalúrgico.

Esta pesquisa é interinstitucional, com a participação de professores e estudantes da PUC-Campinas e da Universidade Federal de Juiz de Fora, conduzida como parte das atividades do Grupo de Pesquisa Comunicação e Política, cadastrado junto ao CNPq.

2. A comunicação sindical como instrumento de resistência operária

No Brasil, os meios de comunicação social encontram-se sob a égide burguesa e, como lembra João Pedro Stédile⁴, estão concentrados em sete ou oito grupos econômicos que controlam as principais redes de televisão, jornais, rádios e revistas. Tais conglomerados decidem o conteúdo do que será veiculado e de qual maneira seus interesses tecnoculturais e políticos serão divulgados. As classes economicamente desprivilegiadas da sociedade ficam à margem do sistema e recebem por meio dos veículos de comunicação de massa, segundo Raquel PAIVA (1998), informações distorcidas e contrárias ao bem comum e ao exercício da cidadania. Neste contexto, surgem e se fortalecem a comunicação comunitária e a comunicação sindical.

A imprensa sindical centra-se na práxis e na reflexão dos trabalhadores enquanto atores sociais, incumbidos da realização de uma comunicação dialógica gerada a partir da sua integração com os líderes das entidades. No plano ideológico, a imprensa sindical volta-se para a coesão e a construção de uma classe sólida, fundada a partir de princípios cidadãos, impulsionadores da melhoria do trabalho, salário e relações trabalhistas. O jornalismo sindical pretende ser um fio condutor da história social, na qual o trabalhador comporta-se, ao mesmo tempo, como o receptor e redator-editor desta imprensa.

“Somente um jornal que divulgue de modo conseqüente os princípios da luta política e levante bem alto a bandeira da democracia estará em condições de convencer todos os elementos democráticos combativos e aproveitar todas as forças progressistas na luta pela liberdade política.” (LÊNIN, 1914: 93, apud FERREIRA, 1988:12).

Os repórteres destes meios são aqueles que, no dia-a-dia, vivem os contratempos de categorias marcadas pelo cansaço, ilusão e medo do desemprego. Tem-se em seus meios de comunicação (jornal, revistas, boletins, programas de rádio, carros de som), na veracidade e no gerenciamento das matérias divulgadas, uma oportunidade para a transformação da sua realidade histórica.

Comunicação e Política, da PUC-Campinas. É jornalista formada em 1990 pela PUC-Campinas e mestre em Ciências da Comunicação, pela ECA-USP. crlahni@yahoo.com.br

⁴ Membro da coordenação nacional do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Sobre isto ver: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/al031020012.htm>

Assim, o veículo de comunicação sindical apresenta-se como instrumento de luta e resistência, com potencial para ser a voz e a vez de uma classe desprovida dos direitos sociais, submetida ao jugo do capital e de uma mídia manipuladora e dissimuladora dos reais interesses empresariais (Cláudia SANTIAGO e Vito GIANNOTTI, 1997).

3. A comunicação nos sindicatos dos Metalúrgicos de Juiz de Fora e de Campinas

O Sindicato dos Metalúrgicos de Juiz de Fora utiliza a comunicação como um meio de atingir o operário desde a criação da entidade. Já na Ata de Instalação do Sindicato dos Operários Metalúrgicos de Juiz de Fora, de 29 de novembro de 1932, encontra-se a resolução de comunicar aos trabalhadores, através de boletins, a assembléia que iria ocorrer no dia 6 de dezembro daquele ano. Em um período de transição da estrutura do Sindicato, no ano de 1982, no qual a diretoria seguiu a linha da Central Única dos Trabalhadores (CUT), o jornal *MUM - Movimento Unificado dos Metalúrgicos* foi decisivo para esclarecer a categoria sobre os objetivos da direção. Atualmente a entidade edita o *Jornal dos Metalúrgicos*. No entanto, a integração pretendida na comunicação estudada ainda não ocorre. Segundo depoimento de Laura Fonseca, jornalista do Sindicato no período da entrevista, feita em 07/11/2002, “eles (os trabalhadores) não trazem nada para a gente, a gente é que leva as informações para eles”.

Em Campinas, no ano de 1978, temos o registro no *Boletim da Oposição Sindical Metalúrgica (OSM) de Campinas e Região*, da Chapa 2, estimulando a resistência operária frente à ditadura e à falta de autonomia sindical. A imprensa do Sindicato de Campinas apresentava uma característica conservadora como a própria direção da entidade, atrelada ao Estado. Em 1981, a OSM publica pela primeira vez o jornal *Metalúrgico de Oposição*. A Oposição Sindical vence as eleições em 1984.

No sétimo congresso dos Metalúrgicos de Campinas e Região, em 2001, decidiu-se estabelecer a aproximação entre líderes e base trabalhista, que seria viabilizada por meio de uma comunicação clara e pela elaboração de boletins de acordo com a necessidade de cada fábrica. Para as atuais jornalistas do Sindicato, Cláudia Medeiros e Eliane Peixoto, as decisões, no entanto, não saíram do papel:

“[A reunião de pauta] Não é uma coisa oficial. Ele [o dirigente] chega e fala: “olha na capa precisa sair campanha salarial”, “O que mais vocês têm aí?”. É bem bagunçado. (...) praticamente todas as pautas, o jornal inteiro já vem definido. O que a gente consegue escolher é pra tapar buraco” (MEDEIROS, C.; e PEIXOTO, E., 2002).

Detectamos, no estudo sobre as políticas e a produção da comunicação dos sindicatos, falhas em relação à dialogicidade e integração próprias da comunicação sindical, conforme conceituado anteriormente. Na análise dos jornais, percebemos até que ponto havia participação dos trabalhadores da base na elaboração do conteúdo – de forma direta ou indireta. Na média dos jornais dos dois sindicatos, somente 15% das matérias contaram com a participação da base, demonstrando haver pouco ou nenhum estímulo para a ação, reflexão e militância operária.

Essa situação é diferente daquela preconizada por Valdeci Verdelho, para quem a imprensa sindical

“Deixa de ser meramente uma atividade de militância voltada para a doutrinação ideológica, como acontecia no começo do século, e deixa de ser a simples tarefa de fechar o jornal, encomendado por alguém da diretoria, tal como se observava nos últimos anos, para ser a tentativa de desenvolver o que poderíamos chamar a ‘comunicação das classes trabalhadoras’”. (1986:81)

Até o final desta pesquisa, em 2004, o Sindicato dos Metalúrgicos de Juiz de Fora não possuía um Departamento de Comunicação. O que se tem é apenas uma jornalista responsável por redigir os textos a partir de temas indicados pela diretoria. Além dos boletins, a entidade tem um caminhão de som, uma Kombi e um outro carro, utilizados para diversas atividades, como a distribuição de jornais e realizar mobilizações nas portas das fábricas. A decisão sobre o conteúdo e as estratégias a serem desenvolvidas nas atividades de comunicação são definidos pela liderança, sem a participação dos operários da base sequer em reuniões de pauta. Mas, segundo o presidente da entidade, João César da Silva, foi criado um “disque-denúncia”, que possibilitaria a sugestão de matérias e a revelação do que acontece nas fábricas pelos trabalhadores.

O aparato técnico de Campinas é constituído pelo trabalho de duas jornalistas, dois funcionários responsáveis pela editoração, foto e apoio. O Sindicato possui quatro aparelhos de som para trabalho em porta de fábrica, um caminhão, duas peruas e um carro pequeno. Mas, como a entidade juizforana, a realidade do Sindicato dos Metalúrgicos de Campinas não difere no todo na sua estrutura comunicacional. Não foi estabelecido um planejamento com a periodicidade do jornal, número de páginas e reuniões de pauta. O conteúdo a ser veiculado também é decidido entre a diretoria, sendo transmitidas para as jornalistas apenas as pautas a serem publicadas, sem possibilidade de discussão organizada, seja com elas, seja com os trabalhadores.

O periódico de Juiz de Fora se chama *Jornal dos Metalúrgicos* e, segundo a jornalista Laura Fonseca, é bimestral. No entanto, verificamos que, algumas vezes, o jornal não é publicado nesta periodicidade. Em Campinas, há dois veículos: a *Folha de Metal*, em duas versões, o *Jornal Geral* ou *Boletim Geral*; e outro, chamado internamente de *Jornal Específico* ou *Boletim Específico*, com assuntos referentes a peculiaridades de cada fábrica. Em ambos há igualmente problemas de periodicidade.

Nas análises das entrevistas com metalúrgicos apresentadas a seguir, buscamos refletir até que ponto a comunicação sindical, nas entidades estudadas, ocorre ou deixa de ocorrer de maneira a envolver os trabalhadores no processo comunicacional.

4. Pesquisa participante e entrevistas

Este estudo foi planejado inicialmente no sentido de incorporar o conceito de pesquisa participante de Carlos Rodrigues BRANDÃO (1984). A escolha deste princípio norteador se deu a partir da tentativa de se realizar um trabalho próximo às bases dos sindicatos, para constatar junto aos trabalhadores sua opinião e participação na imprensa dos sindicatos de Campinas e de Juiz de Fora. Tínhamos o objetivo de verificar e discutir de que maneira se dá a relação entre o metalúrgico e a imprensa sindical, e entender o porquê de suas considerações, a partir de uma vivência do contexto social que envolve esses trabalhadores. Pretendeu-se inseri-los nos estudos e no processo analítico da comunicação das entidades aludidas. O trabalhador, assim, não é visto como um objeto, mas um parceiro no estudo das relações sociais que o circundam.

Partiu-se do pressuposto da existência de uma cultura operária dinâmica e viva, na qual os trabalhadores têm a condição de serem sujeitos-transformadores de sua realidade histórica. Fazendo referência a BRANDÃO (1984), é importante que o sujeito “conheça sua própria realidade. Participar da produção deste conhecimento e tomar posse dele. Aprender a tomar a sua história de classe. Aprender a reescrever a história através da sua história” (1984:11).

A Pesquisa Participante (PP) tem como princípio a inserção do pesquisador no campo de estudo, não apenas como um cientista que, ao longe, observa a realidade. Mas como sujeito de uma relação dialógica com o “objeto” do estudo – aqui, a base do sindicato -, como um partícipe da comunidade. E algumas pessoas do grupo popular assumem-se co-pesquisadores do estudo.

Embora a realização do trabalho em conjunto com os sindicatos e os metalúrgicos da base, buscando uma vivência próxima para esta pesquisa, constasse dos pressupostos iniciais do projeto, em ambas cidades houve dificuldades para a execução deste procedimento metodológico. Em Campinas, logo no início desta etapa da pesquisa, o Sindicato, de posse dos resultados da primeira etapa, não quis colaborar para a sua realização. Os resultados da primeira etapa, apresentados no Congresso da Intercom de Belo Horizonte, haviam apontado o caráter autoritário da comunicação dessa entidade. Assim, em Campinas, o contato com os trabalhadores, tanto para as questões fechadas como para as abertas, foi feito sem a intermediação da diretoria do Sindicato ou suas jornalistas, realizado através de visitas diretas às fábricas ou acompanhando-se a realização de homologações trabalhistas.

Em Juiz de Fora a situação foi um pouco diferente; embora também ciente dos resultados iniciais, o Sindicato se mostrou solícito para contribuir na continuidade do trabalho. Entretanto, a dinâmica de realização da pesquisa conduziu a uma situação em que as entrevistas com os trabalhadores acabaram sendo marcadas e realizadas sem a participação da entidade. Na fase de aplicação dos questionários fechados, as atividades foram feitas em portas de fábricas, inclusive em alguns casos com autorização das empresas, o que proporcionou uma convivência enriquecedora e que podemos considerar como mais própria da pesquisa participante. Já no momento de realizar as entrevistas semi-estruturadas, com o roteiro de perguntas abertas, alguns meses depois, encontramos forte resistência dos metalúrgicos, que muitas vezes se recusaram a responder as questões ou, quando as respondiam, muitas vezes não apresentavam interesse ou uma reflexão mais aprofundada sobre o assunto.

Antes de se iniciarem as entrevistas semi-estruturadas, e mesmo para subsidiar a elaboração do roteiro a ser seguido na fase qualitativa, passamos à tabulação e interpretação dos questionários fechados. Foram aplicados 187 questionários em Juiz de Fora e 180 em Campinas, e, entre os resultados encontrados, verificamos que os trabalhadores são na maioria não sindicalizados (65,9%), informam-se de maneira majoritária através da televisão (51,9% das respostas dadas), e pouco mais da metade dos trabalhadores (53,8%) afirmou que o Sindicato não se mantém em contato constante com a sua base.

5. Desenvolvimento

Para alcançar os objetivos pretendidos, como mencionamos, entramos em contato com os operários da base sem a intermediação do Sindicato. A equipe de pesquisadoras de Juiz de Fora visitou as fábricas e realizou 24 entrevistas com metalúrgicos de três fábricas: Moratori: sete entrevistados; SBA: 10 entrevistados e uma entrevistada; Mercedes: seis entrevistados, sendo três mulheres e três homens. A idade dos entrevistados variou de 23 a 50 anos. Em Campinas foram entrevistados 13 trabalhadores, todos homens, com idade entre 20 e 65 anos. Trabalhavam ou haviam trabalhado – as entrevistas foram realizadas todas no momento da homologação da rescisão trabalhista, mas alguns trabalhadores já estavam novamente empregados - nas seguintes empresas: Singer (3) , Bosch (2), Texas Instrumentos, GE Dako, Tempo ST, Tecnoclinter (2), Tormep, Niqueladora Catedral e Actaris, empresas de porte pequeno, médio e grande.

Elaboramos um roteiro básico com cinco aspectos principais: dados pessoais, dados relativos à vida profissional, como o trabalhador se informa, sua opinião sobre o sindicato e sua opinião sobre a comunicação do sindicato. No entanto, utilizamos o roteiro como referência geral condutora da entrevista, deixando que os operários manifestassem sua opinião livremente. Propusemos também novos direcionamentos a partir das informações que os trabalhadores apresentavam.

O pesquisador de Campinas não pôde realizar as entrevistas nas fábricas porque não recebeu a autorização das empresas nem apoio do Sindicato para o trabalho. No entanto, as fez na própria sede do Sindicato, que recebe duas a três vezes por semana dezenas de trabalhadores para realização de homologação trabalhista. Foi a maneira que se encontrou de mais fácil contato com os trabalhadores para realização das entrevistas, e a mesma estratégia já havia sido utilizada parcialmente para os questionários fechados. Uma das dificuldades encontradas em Campinas foi a de o pesquisador ter de motivar o trabalhador a abordar um tema pelo qual muitas vezes o operário não tinha interesse – sindicato, política, imprensa sindical – e, ao mesmo tempo, buscar interferir o menos possível na linha de raciocínio a ser desenvolvida a partir do momento em que se conseguia sensibilizar o trabalhador a responder. Em Campinas todas as entrevistas foram gravadas e transcritas.

Em Juiz de Fora, o contato com a categoria nem sempre ocorreu da mesma forma. A abordagem foi realizada nos horários do almoço e da saída, sendo explicado aos trabalhadores o objetivo da pesquisa e a importância da participação de cada um para o projeto. Realizamos nessa cidade 24 entrevistas. Nas 20 primeiras sentimos a resistência de uma parte dos metalúrgicos. Ao serem questionados sobre o receio de darem sua opinião, alguns operários responderam: “não quero mexer com isso não”, “agora estou sem tempo”. No entanto, durante o horário do almoço, na própria porta da fábrica, tivemos posteriormente a oportunidade de nos reunir com metalúrgicos e iniciar, ali mesmo, uma discussão sobre a imprensa sindical, mesmo com os trabalhadores que não concordaram em ser entrevistados formalmente.

Na entrada da Moratori, no dia 16 de abril de 2004, durante 30 minutos, intercalamos entrevistas e debates entre os operários em horário de almoço. A equipe de pesquisa conversou com oito metalúrgicos sobre assuntos sindicais, políticos, desemprego e cesta básica, temas comentados pelos próprios trabalhadores. Entre os comentários mais correntes, estava a ação política do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, tema que muitas vezes gerava divergência entre eles.

Em relação aos operários da base que discordavam em dar entrevistas ou debater com seus colegas sobre imprensa sindical e outros temas que eles mesmos levantavam, os próprios trabalhadores justificavam uns aos outros. “Eles são assim mesmo, ficam com medo, mas não tem problema não, trabalho aqui na fábrica há 13 anos e sempre dei minha opinião”, assinalou um trabalhador da Moratori. Esse contato com os operários permitiu-nos um aprofundamento na forma de pensar e entender a categoria pesquisada.

Ainda em Juiz de Fora, o receio por parte de alguns trabalhadores pôde ser facilmente percebido, por exemplo, com rostos que se desviavam para não se encontrarem com o da pesquisadora. Ao perceber a aproximação, alguns operários iniciavam a conversa com os companheiros sobre assuntos que não se referiam ao Sindicato. Enquanto pedíamos para eles nos darem entrevistas, uns olhavam para o chão, alguns indicavam que abordássemos outros colegas e outros nem nos respondiam.

Houve entrevistas em que constatamos o descaso dos metalúrgicos com a entidade, a princípio capacitada para, em conjunto com a base, transformar a realidade dos próprios trabalhadores. Em alguns casos a resposta de metalúrgicos era: “não tenho opinião sobre o Sindicato”, ou “não estou ligado ao Sindicato”.

Após as 20 entrevistas iniciais, retornamos à porta da fábrica SBA, com a intenção de conseguir conversas mais detalhadas sobre a realidade vivida pelos trabalhadores. Conseguimos a entrevista de quatro metalúrgicos que nos ajudaram a dar continuidade ao trabalho. Na segunda visita à SBA, assim como na Moratori, encontramos um grupo mais aberto a falar sobre imprensa sindical, sindicalismo e um pouco da vida pessoal.

Foi possível verificar que a variação do comportamento dos metalúrgicos nas entrevistas e nas discussões está relacionada a fatores como:

. o descrédito na estrutura sindical – em algumas entrevistas foi salientado o desinteresse do Sindicato em lutar pelos direitos da categoria. Isso pode ser exemplificado em afirmações

como “nem sempre ele (Sindicato) procura resolver os nossos interesses” (de um entrevistado na SBA);

. o receio de retaliação da fábrica - “tem gente que tem medo”, opinou um entrevistado (na empresa Moratori);

. o desinteresse pelo Sindicato - “era sindicalizado mas acabei com minha carteirinha”, destacou um metalúrgico; ou

. a preocupação com o índice de demissões - em Juiz de Fora, de janeiro a abril de 2004, o Sindicato contabilizou 248 rescisões de contrato de trabalho, e em Campinas o desemprego sobe a índices recordes.

No próximo tópico analisamos as informações obtidas relacionadas ao nosso objeto principal de estudo: a participação do trabalhador na imprensa sindical.

6. O trabalhador e a imprensa sindical

“Sobre o reajuste aí do *ticket* alimentação, custou, não deu informação direito. Sobre a reunião patronal não falou nada, entendeu? Essas coisa aí” (trabalhador da SBA). “Eu gostaria que eles fizesse crítica, mas também fosse atrás, que fosse atrás de uma solução, né? Só buscar, criticar, quer dizer, só criticar, criticar, criticar, criticar, num serve, né?” (trabalhador da Singer). Essas foram algumas opiniões expressas nas entrevistas pelos metalúrgicos, demonstrando sua insatisfação com a imprensa e o sindicato. Tais opiniões são referências do anseio do operariado por uma vida justa e uma comunicação de qualidade.

As entrevistas apontaram hábitos da categoria, sua visão sobre o Sindicato e, principalmente, a contribuição ou a ausência de participação do trabalhador no jornalismo dos sindicatos estudados (sua contribuição com pautas, textos e sua opinião sobre o conteúdo das reportagens).

Ao irmos ao encontro da categoria metalúrgica, encontramos trabalhadores críticos e insatisfeitos, leitores e questionadores do conteúdo do jornal, como se percebe nos seguintes comentários de entrevistados: “ele (o jornal do Sindicato) só traz coisas que interessam a ele, não ao trabalhador” (metalúrgico da SBA); “é, o jornal sempre tá expondo os problemas, as dificuldades que encontra, tem explicação, pouca, mas tem” (metalúrgico da GE DAKO).

A imprensa sindical, como apontam Valdecir VERDELHO (1986) e outros pesquisadores, deve e pretende ser horizontal e integradora da categoria a que se dirige. No entanto, esta parece não ser a prática em entidades estudadas. A participação do trabalhador é mínima, além deles não se reconhecerem em sua própria imprensa. (FUSER, 1999).

Situação semelhante foi encontrada nesta pesquisa. Em Juiz de Fora, dos 24 entrevistados (sendo quatro mulheres), somente um trabalhador declarou ter contribuído com o jornal, embora não se recorde precisamente no quê: “Ah, eu nem lembro o que eu mandei mais. Não lembro não”. Em Campinas, as entrevistas foram realizadas com 13 metalúrgicos e nenhum deles participou efetivamente do jornal – alguns destacavam não ter interesse em fazê-lo e mesmo não ter a menor idéia de como fazê-lo.

No decorrer das conversas, críticas emergiram. Em Juiz de Fora, no grupo de sete pessoas (nem todos aceitaram falar ao gravador) formado em frente à empresa Moratori para as entrevistas, muitas foram as opiniões contrárias às atividades do Sindicato, por exemplo: “a gente falou o que queria sobre o acordo e mesmo assim eles não fizeram nada”. Outros eram mais incisivos: “Não leio o jornal.” Ou ainda expressaram de forma firme o distanciamento: “Não tenho opinião sobre o Sindicato”. Em Campinas, ao ser questionado se já havia participado na imprensa da entidade, um metalúrgico respondeu: “Isso aí não faço. Porque, pra começar, minhas idéias do jeito que eu quero, o cara (o Sindicato) num põe, num põe não”.

Na Daimler-Crysler (Mercedes-Benz) – considerada uma fábrica padrão no relacionamento com os operários, na opinião de metalúrgicos da Moratori -, a ação do Sindicato não defende seus direitos nem o jornal transmite a opinião e suas necessidades: “Eu acho que ele poderia fazer mais. Eu acabei com minha carteirinha do Sindicato. Por quê? Eu acho que ele não tava ajudando muito”, assinalou um operário.

Conforme PAIVA (1998), a função dos jornais alternativos (comunitários, sindicais e outros) é ser um veículo de resistência. Tal comunicação é orientada não por uma lógica de mercado, em função de interesses capitalistas, mas de acordo com práticas grupais de comprometimento e planejamentos sociais que os levam à igualdade e justiça social. De acordo com o depoimento de uma operária da SBA, que reflete seu sentimento em relação ao Sindicato e ao jornal da entidade, o Sindicato dos Metalúrgicos de Juiz de Fora desviou-se deste objetivo: “O Sindicato já foi bom, mas ultimamente está sendo uma porcaria; ele só traz coisas que interessam a ele, não ao trabalhador”.

7. Considerações finais

Este trabalho se propôs a apresentar uma análise qualitativa da participação dos metalúrgicos de Juiz de Fora e de Campinas nos veículos de comunicação de cada sindicato. Observou-se, a partir das entrevistas, que a comunicação realizada por ambos os sindicatos não atende às expectativas dos operários, que não se sentem representados pelas publicações. Tal ocorrência impede que a comunicação seja, de fato, um processo dialógico, horizontal e interativo, embora tenha, potencialmente, esta força.

Conforme a observação deste trabalho, os sindicatos não estimulam a participação dos operários nos jornais e poucos foram os trabalhadores que se sentiram representados por sua imprensa, que deveria ser

instrumento de luta e reivindicação, representando uma alternativa aos tradicionais meios de comunicação de massa.

Na pesquisa foram encontrados trabalhadores muitas vezes acuados e com medo, mas que, com algumas exceções, não deixaram de demonstrar o sentimento de indignação com o sindicato, com o jornalismo, seja do sindicato ou não, e, ressaltamos, que defenderam uma comunicação que os represente e seja sua voz.

8. Referências bibliográficas

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Pesquisa participante*. 4.ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

FERREIRA, Maria Nazareth. *Imprensa Operária no Brasil*. São Paulo: Ática, 1988.

FONSECA, Laura. **Depoimento**. Entrevista para Marcela da Paz, realizada em 7 de novembro de 2002, para a pesquisa “A imprensa sindical em Juiz de Fora”, da UFJF/PUC-Campinas.

FUSER, Bruno e LAHNI, Cláudia Regina. *A imprensa sindical em Campinas – Um estudo da comunicação do Sindicato dos Metalúrgicos de Campinas e Região*. Trabalho apresentado no XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, no Núcleo de Pesquisa Comunicação para a Cidadania, Intercom, PUC-Minas, Belo Horizonte (MG), 2003.

FUSER, Bruno. *Eletricitários de Campinas: criticidade, mas à distância*. Ver: <http://www.eca.usp.br/alaic/Congreso1999/15gt/Bruno%20Fuser.rtf> – acesso em abril de 2004.

MEDEIROS, C.; e PEIXOTO, E., 2002. **Depoimento** [set. 2002]. Entrevistadores: Bruno Fuser e Sílvia Pinto Anunciação Neto. Campinas: PUC-Campinas, 2002. 1 fita cassete (60 min). Entrevista concedida à pesquisa “A imprensa sindical em Campinas – Um estudo da comunicação do Sindicato dos Metalúrgicos de Campinas e Região”, da PUC-Campinas/UFJF.

PAIVA, Raquel. *O espírito comum*. Petrópolis: Vozes, 1998.

SANTIAGO, Cláudia, e GIANNOTTI, Vito. *Comunicação sindical – falando para milhões*. Petrópolis: Vozes, 1997.

VERDELHO, Valdeci. A nova imprensa sindical. In: FESTA, Regina & SILVA, Carlos Eduardo Lins da (org). *Comunicação popular e alternativa no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1986.